

Comunicação e Educação: variáveis humanas, tecnologia e ensino remoto em contexto de pandemia¹

Sandra Pereira FALCÃO²

Universidade de São Paulo

RESUMO: Neste artigo buscamos refletir sobre implicações/escolhas/contingências de enfrentamento envolvendo os atores sociais em interação comunicativo-educativa a partir do alastramento da Covid-19 no globo. Para tanto, construímos abordagem teórica em torno da relação sujeito-tecnologias-momento disruptivo e examinamos cinco artigos escritos por pesquisadores/educadores brasileiros (originários de regiões distintas e todos publicados em 2020) em busca de apontamentos sobre o ensino emergencial na pandemia. Trata-se de estudo exploratório no qual averiguamos interfaces epistêmicas e práticas da Comunicação/Educação ligadas à possibilidade de resgate/reforço da escuta qualificada como elemento redutor das inquietações que ora nos afligem.

PALAVRAS-CHAVE: ensino remoto emergencial; comunicação e educação; tecnologias de ensino-aprendizagem

INTRODUÇÃO

O “ensino de emergência” ou “ensino de crise” (RICHMOND et al., 2020) deflagrado em nível planetário neste 2020 pandêmico conduziu-nos de chofre a reflexões atinentes às *escolhas em movimento*. Inúmeras deliberações daí resultantes, conquanto guiadas por alguma racionalização, têm escancarado inquietações em torno dos processos educativo-comunicativos e seus atores no *twist* global.

Enquanto procuramos suprir nossas necessidades mais imediatas de comunicação apelando diuturnamente ao aparato virtual, o ineditismo das situações pelas quais passamos concorre para multiplicar *experiências de déficit* ou *experiências de alienação*, configuradas na ruptura de nosso relacionamento com o mundo. No espaço físico antes tão palpável, a percepção coletiva é a de que “as maçanetas, o corrimão, tudo pode estar contaminado. Você não pode mais abraçar as pessoas, desconfiamos delas. O relacionamento com o mundo é perturbado por isso.” (ROSA, 2020, s/p).

Destarte, as longas horas na internet, vivenciando a tríade refúgio/trabalho/contato-com-gente, para muitos representa fuga à perturbação do mundo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP; pesquisadora do MECOM (Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas/ECA-USP).

real — convertida, entretanto, em experiência de tédio e exaustão relatada amiúde nos canais de informação disponíveis. Ao mesmo tempo, há relatos positivos a emergir da elasticidade aprendida no longo exercício de resiliência, como aqueles relativos à “consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática”, geradora de solidariedade — apontada por Santos (2020, p. 7) – e/ou à experimentação involuntária da sociedade do decrescimento proposta por Latouche (2009).

Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se quer mas que só se pode obter por outros meios que não a compra. A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas. Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível.” (SANTOS, 2020, p. 6)

Voltaram: neste insólito revés para a humanidade, “a relação entre a Comunicação e a Educação passa a ter amplitude e conexões cada vez maiores, exigindo mais habilidades e competências para lidar com os desafios”, conforme Gomes e Baptaglin (2020, p. 3). As autoras destacam o gargalo representado pelas situações urgentes e emergentes despercebidas e/ou cujas soluções foram postergadas (mormente no âmbito da Saúde e da Educação) e que agora recaem sobre nós em forma de “falta de sincronismo entre metas e suas implementações” (pp. 2 e 6). Destarte, embora instituições privadas como Google, Microsoft, Facebook, Coursera, KPMG, entre outras, apresentem-se como parceiras a contribuir com recursos e expertise, ampliando conectividade, fortalecendo interações e capacidades coligadas (GOMES e BAPTAGLIN, 2020, p. 5), os professores carregam neste instante o peso de exercer a docência em “um não-lugar entre o caos e a criação” (CARNEIRO, 2020, p. 11). Enquanto isso, alunos clamam para que seus mestres os brindem com aulas criativas, não usem o Powerpoint durante todo o tempo de interação, não os inundem de tarefas incabíveis no espaço-tempo doméstico — dentre outras queixas —, e por fim expressam, alguns, saudade da escola como era antes.

Neste texto, propomos breve caminhada reflexiva sobre esse momento conturbado, tendo em vista o corolário dos desafios múltiplos enfrentados no ecossistema comunicativo-educativo, sobretudo pelos actantes da Educação.

Acelerando para o futuro, nós o perdemos de vista

Marc Augé perguntava-se, em 2011, sobre a “realidade social e política de um mundo onde muitos se sentem, a um só tempo, arrancados de seu passado e privados de seu futuro” (AUGÉ, 2012, p.44). O antropólogo francês tratou, na obra “*Para onde foi o futuro?*”, das contradições com aparência de mentiras vinculadas a um espaço planetário oferecido como aberto a todos, mas prenhe de interdições de todo tipo. Embora não estivesse, naturalmente, pensando no cenário pandêmico atual, antecipou de modo certo o abismo para o qual a aceleração em busca do sempre mais nos conduzia. Fomos tão além que tropeçamos coletivamente nas próprias pernas, imobilizando-as diante de um invisível e potente inimigo.

Para Hartmut Rosa (2020), “O vírus é o desacelerador mais radical de nosso tempo”, convertendo-se, entretanto, em componente de outro tipo de aceleração. Refém da indisponibilidade física em escala sem precedentes, a sociedade mundial tenta desesperadamente restaurar a disponibilidade, retornar à aceleração progressiva. Para tanto, afirma o sociólogo, continua a acelerar no mundo online -- ainda mais. --, alimentando agora a ‘roda de hamster digital’.

Em entrevista concedida ao *Der Tagesspiegel*³, o autor afirmou esperança inicial – em meio à alienação e à perplexidade geradas pelo advento pandêmico --, com a possibilidade de as pessoas pausarem o sem-número de atividades externas e conseguirem voltar-se a um estado de atenção ressonante. Para além dos exercícios que normalmente fazemos de 1) tentar colocar tudo sob nosso domínio [controlar, gerenciar, otimizar, mantendo as lógicas pregressas] e 2) escapar para as redes sociais postando algo aqui e ali [também à maneira de “sempre”], seria importante fazer prevalecer um segundo modo de lidar com a situação alienante em que caímos: tornar a “ouvir a nós mesmos e ao mundo”(ROSA, 2020, s/p).

Para essa escuta qualificada de nós e do nosso mundo, ler as entrelinhas torna-se hoje tão ou mais importante do que apurar o olhar sobre as linhas propriamente ditas, no sentido de que estas não se acham mais tão nítidas. Na vereda enevoada em que seguimos — individual e coletivamente —, procuramos o outro com o olhar, os gestos, as palavras,

³ Jornal diário alemão.

a partilha d’alma — na esperança de encontrar um alter-eu, não exatamente aquele freudiano (o alter-ego) mas talvez um eu que esteja guiando veículo à nossa frente, cujo farol ainda enxerguemos em meio à intensidade da neblina.

Das entrelinhas nos processos comunicativo-educativos a desenrolar-se enquanto aguardamos alguma espécie de reequilíbrio decidimos nos ocupar, na esperança de que permitam desembarcarmos, ainda que em tempos intercalados, da *roda de hamster digital* (ROSA, 2020) na qual vemo-nos quase todos a correr parados.

Ensino-Dúvida-Aprendizagem

Richmond et al. (2020) discorrem sobre a pausa necessária para entender melhor como os processos de ensino e aprendizagem podem tornar-se mais eficazes a partir do cenário que ora se nos desenha. No editorial *The Critical Need for Pause in the Covid-19 Era*, apontam três variáveis fulcrais: a primeira diz respeito ao conhecimento necessário para ensino-aprendizagem (presencial, online, híbrido); a segunda envolve as transições cognitivas, sociais e emocionais vivenciadas pelos alunos quando adentram novas plataformas e diferentes dinâmicas de aprendizagem (implicando, para alguns deles, trauma substancial); a terceira variável reside na busca por entender os tipos específicos de suporte necessários a estudantes e professores para tornar mais eficaz o aprendizado e a tarefa de ensinar. Essas impressões, lastreadas no cenário norte-americano, não deixam de ser extensivas a ensinantes e aprendentes de todas as latitudes, conquanto representem dramas muito maiores para os países nos quais a excessiva desigualdade debilita o acesso rápido e em larga escala à digitalização do ensino -- inclusive para muitos docentes.

Estes, em especial, têm vivenciado muito de perto o escorregamento de encostas (ROSA, 2013, 2016) representado pela tensão entre a urgência de pausas para pensar/repensar as estratégias de acesso quantitativo e qualitativo aos alunos e a premência de “sair fazendo”, mesmo sem imaginarem resultados precisos.

A docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade – e que não tem a menor ideia do caminho. Como todos, os professores estão imersos em uma névoa e seguem através dela, buscando fazer o melhor, mas sem garantias. (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020)

Trata-se de um período no qual emergem a criatividade e a coragem para a experimentação, afirma Edilane Teles, professora da Universidade Estadual da Bahia e idealizadora da formação docente on-line oferecida gratuitamente por seu grupo de

pesquisa, o Polifonia, em associação com a RadioEdu e com o grupo Mediações Educomunicativas da ECA/USP (MECOM). O curso, ainda em processo enquanto escrevemos estas linhas, intenta, por meio do ensino remoto — com seus ruídos e imprevistos — auxiliar docentes tanto no entendimento das ações comunicativo-educativas emergenciais quanto na autocompreensão de seu momento e de suas práticas.

Passo semelhante empreenderam actantes da educação em cenário lusitano quando, após período de intensa experimentação, reuniram suas percepções no e-book intitulado *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*⁴. O prefácio de João Costa, Secretário da Educação português, pontua:

A coleção de testemunhos e de reflexões é o primeiro passo para que as práticas eficazes se multipliquem e para que a teoria não se elabore sem as evidências dessa escola real, ainda que num contexto que nos parece surreal. Levaremos desta pandemia novas técnicas e meios. Mas só levaremos mudança se os velhos desafios da mobilidade social, da justiça educativa, da inclusão, tornados agora tão evidentes, forem definitivamente assumidos como a função principal da escola. (ALVES e CABRAL, 2020, p. 6)

A pletora de artigos originados no contexto surreal nomeado por Costa põe à tona as arestas da mudança esmiuçada por Sérgio Abranches quando sequer imaginava, ao lançar *A Era do Imprevisto* (em 2017), um imprevisto tão estapafúrdio como o que hoje enfrentamos.

A mudança pela qual passamos não é linear, nem a continuidade ampliada do que temos. É disruptiva. Caótica. Estamos no limiar do caos, entre a ordem que desvanece e o que aparece como aleatório. Estamos nas fronteiras da máxima complexidade. De máxima densidade histórica, de passado no presente, e ausência de história nos fragmentos potenciais de futuro, já igualmente presentes. (ABRANCHES, 2017, p. 25)

O parágrafo acima parece ter sido escrito ontem mesmo, tal a aproximação com a vivência hodierna. “*Dentro do caos até quando?*” ignoramos, porém é fato não podermos nos resignar diante de tal experiência sem gerar, como disse João Costa, bagagem para trabalhar com uma escola ressignificada adiante e a partir de já. Pistas não nos faltam, todavia havemos de recordar, antes e na esteira de Santos (2020, p. 29-30), que

[...] o regresso à «normalidade» não será igualmente fácil para todos. Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de exceção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia? Nos casos em que se adotaram medidas de proteção para defender a vida acima dos interesses da economia, o

⁴ Referências completas ao final deste artigo.

regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida? Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? Pensar-se-á que esta normalidade foi a que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro?

Tais indagações, somadas a alguns indicadores explicitados nos quadros constantes do próximo bloco, podem engrossar o caldo de um mapa mental em construção coletiva que nos auxilie a aparar arestas e, quiçá, discernir pontos de apoio durante este sinuoso percurso.

Produção científica em revistas – apontamentos imediatos

Para reunir tópicos em discussão no atual momento de espanto-transição (MEDINA, 2020), selecionamos cinco artigos escritos por pesquisadores/educadores brasileiros (todos publicados em 2020) sobre implicações do ensino emergencial na pandemia, considerando como critérios de extração a) a presença majoritária dessa temática e b) a origem dos trabalhos em termos regionais, procurando contemplar as regiões norte, sul, sudeste, nordeste e centro-oeste do Brasil.

Quadro 1 – **Região Sul**. Artigo: A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente [Revista **Práxis Educativa** - Ponta Grossa – Paraná/ publicado em 14/08/2020]. Autoras: Karla Saraiva; Clarice Traversini; Kamila Lockmann.

solidão	formação continuada – vetor de crise e ansiedade
vigilância hierárquica – escola e casa	desconto de falta em folha de pagamento [para o docente que não acompanhar as atividades de educação a distância]
exposição dos professores ao olhar da família	tempo ilimitado no ensino remoto versus necessidade de cuidar de si e de sua família
excessiva exposição dos docentes	tecnicismo educacional [a velha ideia de que apenas introduzindo tecnologia já se resolve]
intensificação e autointensificação do trabalho docente - instâncias sindicais externam preocupação	insegurança
aceleração do afastamento da escola dos moldes tradicionais [menção a outro artigos]	necessidade de adaptações rápidas
incentivo à autonomia dos alunos [menção a outros artigos]	invasão da casa pelo trabalho e pela escola

reinvenção da escola	ansiedade frente às condições sanitárias e econômicas
desigualdades [falta de recursos dos alunos]	professores em estado de exaustão
diferenças entre escolas públicas e privadas	protocolos sanitários, orientações legais e pedagógicas para retomar as atividades
escolarização delivery [+ nas públicas] - outro modo de organizar os processos escolares	avaliação [cânones neoliberais] versus autoavaliação
modos de lidar com o tempo [professores, alunos e famílias]	EaD ≠ ensino remoto
possibilidades de contraconduta face à sociedade 24/7	demanda por disponibilidade irrestrita dos professores - trabalho além da carga horária contratada e ‘presença’ nos três turnos
pressão pela performatividade	“Há educadores(as) sem dinheiro para comer tirando do próprio bolso para arcar com dados móveis”
transparência que não cria confiança	“em um momento que pede tranquilidade, segurança e boa saúde, as atividades docentes gerem tanto estresse, aflição e sobrecarga para educadores(as) e estudantes”
ensino remoto emergencial totalmente experimental	

Quadro 2 – **Região Centro-Oeste**. Artigo: (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto [Revista **Com Senso** – Brasília/ publicado em ago.2020]. Autoras: Cristiane Alves Cardoso; Valdivina Alves Ferreira; Fabiana Carla Gomes Barbosa.

desigualdades	maior desniveleção do desempenho dos estudantes
dificuldade de acesso às tecnologias necessárias à educação a distância por parte dos alunos	necessidade de ações de apoio para o redesenho da educação (não só aos estudantes, mas também aos diretores, gestores, coordenadores pedagógicos, professores e famílias)
dificuldades de acesso à internet	educação para todos virou privilégio de alguns – não se justifica
dificuldades financeiras podem limitar o acesso	falta de plano nacional
muitos educadores não possuem contato ou habilidades com tecnologia [e, inesperadamente precisaram começar a ter reuniões virtuais com a coordenação	falta de sentimento de coesão e inclusão durante a pandemia

pedagógica, a planejar e ministrar aulas virtualmente.]	
Engajamento dos alunos a distância = grande desafio [alterações emocionais, elementos de distração, ansiedade – pela possibilidade da perda de emprego dos pais]	cancelamento de marcos/cerimônias [redução da motivação acadêmica/queda no rendimento/redução do envolvimento]
Ead ≠ ensino remoto	problemas de conexão - reclamações
necessidade de apoio emocional e estrutural a gestores, professores, coordenadores e famílias dos estudantes, além do próprio aluno	carência de políticas públicas de inclusão digital
docentes também tiveram suas vidas atingidas	apoiar uma estratégia nacional de conectividade seria importante
pouca (ou nenhuma) formação para lidar com o ensino remoto de maneira emergencial	UNESCO sugere ensino remoto por meios alternativos, como transmissões de rádio e televisão comunitárias e a criatividade pedagógica nas geolocalizações carentes.
ausência de planejamento emergencial/políticas públicas	desenvolvimento de recursos educacionais de ensino remoto eficientes
não há um padrão para o ensino fundamental	readaptação e redesenho do sistema educacional
há apoio do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Brasileira) para formatar planos personalizados a depender do que cada escola tem disponível	pós pandemia, espera-se que o ensino híbrido (presencial e remoto) se torne uma realidade.
preparar a educação para percalços futuros, com infraestrutura de acesso às tecnologias dentro e fora das escolas	

Quadro 3 – **Região Nordeste**. Artigo: Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula [Revista **Interfaces científicas** – Aracaju (*paper* escrito por pesquisadores baianos)/ publicado em ago.2020]. Autores: Sidmar da Silva Oliveira; Obdália Santana Ferraz Silva; Marcos José de Oliveira Silva

distribuição de artefatos tecnológicos para estudantes de baixa condição socioeconômica [desafio]	democratização do acesso à internet/possibilidade de explorar plataformas ou ambientes virtuais aprendizagem
formação permanente dos professores para (re)construção de teorias e práticas necessárias à ressignificação da atuação	urge que o professor redimensione sua ação docente e amplie sua práxis

docente, com vistas a atender as demandas da atualidade, relacionadas à integração das tecnologias digitais à prática pedagógica.	pedagógica para potencialização da interação entre os sujeitos aprendizes
professores “jogados vivos no virtual”, para aprender a fazer em serviço, enfrentando os milhões de alunos	obstáculo: educação teria retardado o aprendizado em tecnologias digitais
muitos professores ainda não conseguiram situar-se na rede	ensino remoto entra em cena como resposta à crise e o professor, sem tempo de parar para refletir, precisou agir na urgência
professores excluídos digitalmente	conectividade – fator de limitação
considerar três questões, que se conectam, quando falamos de ensino remoto: -o acesso à internet; -a qualidade dos artefatos tecnológicos de alunos e professores; e -domínio e formação para o uso desses artefatos	observar mudanças para compreendê-las, no âmbito de seu trabalho pedagógico, a fim de que possa ressignificá-lo, atualizá-lo [desafio do professor]
cenário exigiria um tempo mais longo para formação dos envolvidos no processo, com preparação de infraestrutura tecnológica que vise à aprendizagem – não houve.	contexto educacional marcado por uma cultura movente – formação sempre necessária
Exigência de reconfiguração dos cursos de formação de professores	Momento demanda novo olhar acerca da própria formação e sobre o processo de ensino e aprendizagem
é vital planejar e efetivar ações de formação continuada com os professores, a partir de situações concretas e atuais, tendo como base a reflexão, investigação e a colaboração	Celular: portabilidade, interatividade social e individualidade versus limitação das telas, capacidade de armazenamento e interfaces, [comandos para edição e produção de textos], podem representar dificuldades para os alunos realizarem as atividades educacionais.
dificuldade de acesso à internet	tecno-apartheid (CANCLINI, 2015)
transposição didática presencial - virtual, sem conhecimento dos ambientes e metodologias para substanciar a práxis	formação para a integração das tecnologias digitais aos processos de ensino e aprendizagem segue muito distante da realidade formativa docente
fosso entre a formação docente e o uso das tecnologias digitais como possibilidade pedagógica	política de formação para pensar as tecnologias nas práticas pedagógicas
necessidade de priorização, por parte dos órgãos públicos responsáveis, de ações formativas docentes nas políticas de incentivo de financiamento e de	ensino híbrido mescla o modelo presencial/ tradicional, com estudos on-line, mediados pelas tecnologias digitais; altera a dinâmica professor-aluno;

fomento, com vistas ao uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas.	mobiliza os aprendentes a se envolverem muito mais com os processos de busca, exploração e produção do conhecimento; valoriza o desenvolvimento da autoria discente
whatsapp – professor usa considerando custo menor de internet : “O professor tem usado WhatsApp pelo acesso rápido e fácil e consumo menor de dados da internet, além de ser do alcance de maioria dos estudantes.” p.36	

Quadro 4 – **Região Sudeste**. Artigo: Educação e covid-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC [Revista **IFES Ciência** – Espírito Santo/ publicado em 13/06/2020]. Autores: Josiane Brunetti Cani; Elizabete Gerlânia Caron Sandrini; Gilvan Mateus Soares; Kamila Scalzer.

professores: migração do uso eventual de tecnologias para obrigatoriedade de adaptação a esses recursos	linguagem [identificação, diferenciação] – tecnologias da linguagem através dos tempos
realidade exigiu habilidades antes não obrigatórias	tecnologias - extensão do ser - ubiquidade
docentes: demanda de decisões rápidas, escolhas que ainda se encontram em dúvida de serem bem-sucedidas	digital produz transformação na “discursividade do mundo”
aprendizado on-line: estigma de qualidade inferior, apesar de algumas pesquisas demonstrarem o contrário	hibridização das mídias: analógico-digital-sem fio; lógica relação tecnologia-indivíduo alterada: de todos-para todos, de muitos-para muitos; não dependência de tempo e lugar; múltiplas linguagens
crítica a improvisar de forma simplista questões complexas (professor McGyver)	Base Nacional Comum Curricular (BNCC) valida tecnologias em uso
iniciativas que disponibilizem estratégias de aprendizagem com TDICs - sementes para a transformação cultural das práticas necessárias à educação do século XXI	alguns desafios e fatores implicados: falta de estrutura tecnológica das escolas, formação docente e dos alunos para uso crítico das tecnologias
aprendizagem remota/home-office/questões sociais envolvidas	letramentos digitais a promover
sentimento de despreparo para lidar com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) – alunos e professores – pesquisas apontam	aferir “níveis de proficiência em tecnologias digitais por meio de estágios cognitivos subsequentes de processos de

	aprendizagem: lembrar, entender, aplicar, avaliar e criar.” (CANI, 2020)
encontrar e filtrar: tantas opções a ponto de o docente não conseguir adaptar seu propósito educacional [demanda] aos instrumentos ofertados	Níveis de Proficiência Digital dos Professores - A1: Recém-Chegado; A2: Explorador; B1: Integrador; B2: Especialista; C1: Líder; C2: Pioneiro [fonte: Cani (2020, p. 71-74), baseada em Redecker (2017)]
mídias e suportes de comunicação em profusão: sentido para além da linguagem escrita ou falada	autoavaliação de profissionais da educação como estratégia de desenvolvimento contínuo
identificar ferramentas de ensino-aprendizagem digitais e abertas à multidisciplinaridade que possam auxiliar o educador em tempos de pandemia da Covid- 2019	“fazer acontecer” depende em larga escala de estarmos atentos à qualidade dos estudos dos alunos
revisão histórica: surgimento do vírus /ponto de vista da Ciência: apanhado breve – questões científicas	revisão da legislação emergencial sobre Educação e Covid
metodologias ativas	sala de aula invertida
apresentação de algumas formas de uso das ferramenta digitais de maneira multidisciplinar e multiplataforma	averguação da proficiência tecnológica necessária ao usuário para lidar com a tecnologia.
exploração das aplicabilidades em sala de aula	exemplos de práticas pedagógicas multidisciplinares utilizando multiplataformas [exemplificação – tabela Google; ferramentas gratuitas]
“diferentes linguagens (digital, visual, sonora, verbal e textual)” “desenhar um ambiente digital possível para a criação de aulas de forma interativa e lúdica”	lidar de modo proficiente com recursos tecnológicos requer do professor formação, tempo e disponibilidade para adentrar esse cenário. Pesquisas apontam: perfil dos educadores ainda se encontra no patamar <i>Recém- Chegados</i> a quase <i>Explorador</i> (CANI, 2020).
escolha de utilizar ou não as tecnologias digitais nas salas de aula passou a não ser mais opcional	arte de se reinventar, reestruturar novas práticas; inclui lutar contra algumas condutas e normas internas
“lado bom: nossas escolas nunca mais serão as mesmas” “a concepção de espaço educacional entre paredes deu lugar a um ambiente muito mais amplo e sem limites de aprendizagem”	

Quadro 5 – **Região Norte**. Artigo: Educação a distância em tempos de pandemia: entre os híbridos e agenciamentos de uma experiência [**Revista Científica em Educação a Distância** – Rio de Janeiro/ publicado em 19 ago. 2020/ *paper* sobre Amazônia e região]. Autores: Jucimara Canto Gomes e Zeina Rebouças Corrêa Thomé

desafios e controvérsias envolvendo humanos e não humanos: experiência ainda em construção	coletivo de humanos e não humanos que se entrelaçam
limitações técnicas, geográficas e relativas à realidade social – dificuldades na execução de projetos	gestão da produção do conhecimento e das intervenções no âmbito educacional e tecnológico
documentos norteadores	sociedade, ator e rede.
discutir questões socioculturais em diferentes práticas sociais [diferentes contextos: escolares; de formação docente; de vulnerabilidade social; outros contextos multimidiáticos com o uso de TDIC].	agenciamentos de toda ordem: cadeias biológicas, políticas, econômicas, sociais, pessoas e coisas em conexão rizomática
ensino emergencial não presencial	participação em webconferências
contrastes socioeconômicos	participação na construção coletiva e colaborativa de materiais com recursos de compartilhamento de documentos.
comunidades tão remotas quanto isoladas tecnologicamente	conteúdos transmitidos por TV aberta
trabalho de experiência coletiva com uso de tecnologias digitais	cursos em EAD para professores
exclusão: contexto geográfico, social e econômico faz emergir	alcance diferente do previsto/ não atendimento a todos os alunos
geografia local e acesso	escolas na área rural - dificuldades
falta de energia elétrica	falta de espaço em casa
baixa escolaridade dos pais para acompanhamento das atividades	limitação da internet
formadores - orientar sobre os diversos tipos de recursos e ferramentas virtuais disponíveis para serem utilizados por professores e equipes pedagógicas na organização das aulas	formadores – curadoria de materiais - curadoria de objetos e ambientes de aprendizagem com foco na formação de professores
professores com sobrecarga de trabalho	todos os setores do sistema educacional em isolamento
Utilizar ferramentas de mídias sociais com interação on-line em tempo real para orientações sobre cursos, links disponíveis e materiais de estudos em EaD [no artigo há certa indistinção entre ensino remoto e educação a distância] para professores e equipe pedagógicas	cumprimento de uma necessidade emergencial sem a compreensão e análise de todas as potencialidades pedagógicas
alinhamento à Base Nacional Comum Curricular	repositórios digitais de cursos e objetos de aprendizagem - desconhecimento

práticas de letramentos dos docentes e discentes	coletivos geradores de conhecimento/recursos pedagógicos para uso coletivo
salas virtuais/ vídeoconferências	criação de grupos por aplicativos
tecnologias síncronas de áudio e vídeo	desafio para os professores
superação do uso esvaziado de qualidade pedagógica das tecnologias na educação [massificação e reprodução]	tempo [falta] - aprendizado concomitante à utilização do que está sendo aprendido - reflexão substituída pela aligeirada necessidade de operacionalização
preconceito contra a modalidade a distância	preocupação com um “normal” que não será mais o mesmo “normal”
tecnologias digitais - prática distante – “ameaçadora”	avaliação formativa da aprendizagem
incerto o resultado da implantação do regime de aulas não presenciais	

Observamos, no panorama acima, alguns aspectos, que aqui chamaremos ‘centrais-periféricos’, relacionados ao desafio imposto a gestores educacionais, docentes e discentes — e suas famílias — para a suplantação dos óbices a emergir à medida que se desdobra a procura por soluções temporárias [?] garantidoras (em alguma medida) de acesso/inclusão, conforto emocional e físico, segurança, superação das dificuldades de ensino-aprendizagem e das contingências a elas vinculadas. “E de repente, sem termos tempo para nos prepararmos, o campo lexical da escola alterou-se e passou a incluir palavras como aula síncrona, distanciamento, plataforma, COVID19, máscara, chat, online, gel...” (COSTA, 2020). Alumado por uma lanterna cujo fraco lume oscila o tempo todo, gerando intermitências visuais, desdobra-se diante de nós caminho no qual é evidente a inequidade das tecnologias e das linguagens, de modo a comprometer severamente o aspecto democrático dos enfrentamentos cotidianos (CITELLI, 2015).

Entre coincidências de abordagem e levantamento de variáveis específicas, vemos, dentro desse novo campo lexical, os tópicos referidos nos quadros 1, 2, 3, 4 e 5 espalharem-se nos meios de comunicação tanto quanto serem aprofundados em pesquisas científicas nacionais e internacionais de alargado fôlego, abordando a relação sujeito-tecnologias, tendo como respondentes prioritários professores e alunos. Por razões afeitas ao espaço físico disponível para nossa reflexão, não nos ocuparemos neste momento de comentar as pesquisas em larga escala; entretanto, reforçamos a necessidade de realizar a “escuta qualificada” de todas as fontes — midiáticas, científicas, cidadãs — e dos humanos que as produziram e estão produzindo, de maneira a formarmos caldo a ser

mexido e experimentado por todos os actantes da Educação e da Comunicação. Ao mesmo tempo.

Referências

ABRANCHES, Sérgio. **A Era do Imprevisto** – a grande transição do século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVES, José Matias; CABRAL, Ilídia (orgs.). **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72jBaw. Acesso em: 27 mai. 2020.

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas, SP: Papirus, 2012.

CANI, Josiane Brunetti.; SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron.; SOARES, Gilvan Mateus. M.; SCALZER, Kamila. EDUCAÇÃO E COVID-19: A arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC. **Revista Ifes Ciência**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 23-39, 2020. DOI: 10.36524/ric.v6i1.713. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/713>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 38-46, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>>. Acesso em: 28 set 2020.

CARNEIRO, Alexandra. 2020_Um (não)lugar entre o caos e a criação. In: ALVES, José Matias; CABRAL, Ilídia (orgs.). **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72jBaw. Acesso em: 27 mai. 2020.

CITELLI, Adilson. CITELLI, Adilson. (2015). Tecnocultura e educomunicação. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 63, dezembro. ISSN 2318-406X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>>. Acesso em: 12 out 2020.

COSTA, João. Prefácio. **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72jBaw. Acesso em: 27 mai. 2020.

GOMES, Jucimara Canto.; THOMÉ, Zeina Rebouças Corrêa. Educação a Distância em Tempos de Pandemia: Entre os Híbridos e Agenciamentos de uma Experiência. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1060>. Acesso em: 11 out. 2020.

GOMES, Sandra Maria de Moraes; BAPTAGLIN, Leila Adriana. A Universidade Federal de Roraima: educomunicação e a tecnologia *mobile* em tempos do Covid-19. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 3 (Especial 1), p. 1-17, maio 2020 DOI:<http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2020v6n3a11pt>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10561/17531>. Acesso em 12 out 2020.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MEDINA, Cremilda. Apontamentos do espanto na crise COVID-19. **Revista Longeviver**, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2020: ISSN 2596-027X. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/839/899>. Acesso em: 05 jul. 2020.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na Incerteza e na Urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas**. v.6. n.1, p.25-40, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40. Número temático. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239/4127>. Acesso em: 06 set. 2020.

RICHMOND, Gail; CHO, Christine; GALLAGHER, H. Alix; HE, Ye; PETCHAUER, Emery. (2020). The Critical Need for Pause in the COVID-19 Era. **Journal of Teacher Education**, 71(4), 375–378. <https://doi.org/10.1177/0022487120938888>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0022487120938888#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 03 out. 2020.

ROSA, Hartmut. Entrevista concedida ao jornal *Der Tagesspiegel*. Edição de 20.mar.2020. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/politik/soziologe-hartmut-rosa-ueber-covid-19-das-virus-ist-der-radikalste-entschleuniger-unserer-zeit/25672128.html>. Acesso em: 27.mar.2020.

ROSA, Hartmut. **Alienación y Aceleración** - hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Buenos Aires: Katz, 2016.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration**. A New Theory of Modernity. New York: Columbia Press University, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 14 ago. 2020.

TELES, Edilane. Mídias e tecnologias na Interface Educação e Comunicação. Curso ofertado entre 29/9/2020 e 04/12/2020 via remota pelos Grupos de Pesquisa Polifonia (UNEB) e MECOM (USP) e RadioEdu. Universidade Estadual da Bahia, 2020.